

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 1, DE 2007 – CD, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E RESPONSÁVEIS PELA CRISE DO SISTEMA DE TRÁFEGO AÉREO BRASILEIRO, CHAMADA DE “APAGÃO AÉREO”, DESENCADEADA APÓS O ACIDENTE AÉREO OCORRIDO NO DIA 29 DE SETEMBRO DE 2006, ENVOLVENDO UM BOEING 737-800, DA GOL (VÔO 1907) E UM JATO LEGACY, DA AMÉRICA EXCELAIRE, COM MAIS DE UMA CENTENA DE VÍTIMAS

**REQUERIMENTO DE TRANSFERÊNCIA DE SIGILO TELEFÔNICO Nº. , DE 2007
(Dos Srs. Gustavo Fruet e Vanderlei Macris)**

Requer a transferência a esta Comissão do sigilo telefônico da Sra. Denise Abreu, Diretora da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil, com vistas a esclarecer a eventual ocorrência de fato determinado e possivelmente delituoso pertinente ao objeto desta CPI e relativos a possíveis irregularidades no desempenho de atribuições legais de regular e fiscalizar o transporte aéreo nacional.

Requeremos a Vossa Excelência, com base no § 3º do artigo 58 da Constituição Federal, combinado com o art. 2º da Lei n.º 1.579, de 18 de março de 1952, e nos termos do art. 36, II, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a transferência do sigilo telefônico da Sra. Denise Abreu, Diretora da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil, com vistas a esclarecer a eventual ocorrência de fato determinado e possivelmente delituoso pertinente ao objeto desta CPI e relativos a possíveis irregularidades no desempenho de atribuições legais de regular e fiscalizar o transporte aéreo nacional.

JUSTIFICAÇÃO

Em entrevistas publicadas em 6 de agosto de 2007 pelos jornais O Globo e Folha de São Paulo, o ex-Presidente da Infraero, Brigadeiro José Carlos Pereira apontou indícios de irregularidades que teriam sido cometidas pela Sra. Denise Abreu, enquanto Diretora da ANAC.

A entrevista publicada em O Globo:

“Brigadeiro cai atirando - Presidente da Infraero, demitido por Jobim, acusa diretora da Anac de fazer lobby para amigo
O Globo – 6/8/2007

BRASÍLIA. O brigadeiro José Carlos Pereira, que será exonerado hoje da presidência da Infraero, deixa o cargo atacando o governo. Em entrevista ao GLOBO, ele acusou Denise Abreu, diretora da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), de fazer lobby para beneficiar amigos num negócio milionário. Segundo

ele, Denise tenta fazer com que a Anac patrocine a transferência do setor de cargas dos aeroportos de Congonhas, em São Paulo, e Viracopos, em Campinas (SP), para o aeroporto de Ribeirão Preto (SP), privatizado e administrado por Carlos Ernesto Camargo, dono da Tead (Terminais Aduaneiros do Brasil). O brigadeiro afirma que Camargo e Denise são amigos, o que é confirmado por fontes do setor. A operação, se concretizada, envolverá cerca de R\$400 milhões por ano. "A Denise é terrível! Se eu não estivesse saindo, ia comprar uma grande briga com ela", disse Pereira. Procurada, Denise não retornou as ligações. Sentindo-se um bode expiatório, Pereira, que será substituído pelo presidente da Agência Espacial Brasileira, Sérgio Gaudenzi, diz temer que a crise não termine bem, pois a diretoria da Anac foi formada por indicação política e não tem conhecimento do setor.

Maria Lima

Como foi a conversa em que o ministro Nelson Jobim comunicou que o senhor teria de sair?

JOSÉ CARLOS PEREIRA: No final da reunião com o comandante Juniti Saito, sexta-feira, quando eu entreguei ao ministro Jobim os estudos para desafogar Congonhas, e para obras de Guarulhos e Viracopos, ele me disse que precisava falar a sós comigo. Começou dizendo que segunda-feira reuniria o Conselho para examinar minha carta de demissão. Eu lhe disse que não teria carta de demissão, que ele me demitisse. Ele perguntou se não ficaria ruim para mim e eu respondi que de jeito nenhum. Não posso fazer isso de jeito nenhum. Estou com a consciência tranqüila de que fiz o possível e ser demitido do serviço público não é nenhuma desgraça. Não pedi para entrar na presidência da Infraero e não iria pedir para sair. O governo, para sair dessa crise toda, tinha que apontar um culpado. Minha contribuição foi me oferecer para ser demitido. Mas ele que me demitisse.

O senhor foi exonerado porque o presidente Lula e Jobim não mostraram disposição de mexer na Anac, devido à pressão das companhias aéreas?

PEREIRA: Entendo que foi isso, sim, mas aceito com toda a tranqüilidade do mundo. Sou milico e sei que, no sistema militar, quando se entra numa guerra, ataca-se pelo lado mais fraco. Ninguém é louco de partir para o lado mais forte. A Anac é hoje intocável. Tem um envolvimento político enorme lá no Palácio, com a ministra Dilma (Rousseff) e outros. Além do presidente Milton Zuanazzi, todos foram parar lá por indicação política.

O senhor acha que há desconfiança da sociedade com Zuanazzi?

PEREIRA: Mas ele tem um ponto muito forte lá no Planalto. Eu não tenho proteção política nenhuma.

Mas não é um risco ele continuar gerenciando a crise?

PEREIRA: Eu não vejo isso com bons olhos, e temo que não acabe bem. É como medicina. Imagina se numa operação neurológica de alto risco, em vez de um cirurgião neurológico altamente especializado, aparece lá para abrir a cabeça do cidadão um dermatologista? Mas ele foi indicado pelo Planalto... O problema é que nesse caso não se trata de uma cirurgia. Milhares de pessoas estão voando todos os dias, a mercê desse dermatologista.

O senhor acha que tem faltado pulso ao presidente Lula para resolver essa crise aérea?

PEREIRA: Eu tenho impressão que, agora, ele está fazendo isso. Pode ser só impressão, mas pelo menos ele criou coragem de trocar o ministro.

A revista "Veja" afirma que Denise Abreu, diretora da Anac, tentou jogar na Infraero a culpa pela não-interdição de Congonhas, no dia do acidente. O senhor respondeu que se ela continuasse acusando a Infraero ia abrir a "caixa-preta" dela...

PEREIRA: A Denise é terrível! Se eu não estivesse saindo da Infraero, eu ia comprar uma grande briga com ela. Ela quer tirar da Infraero o controle do setor de cargas de Congonhas e Viracopos, para levar para o aeroporto de Ribeirão Preto, que pertence ao governo de São Paulo. O terminal de cargas nesse aeroporto já é dominado pelos amigos dela, pelo empresário Carlos Ernesto Campos. Toda reunião do conselho da Anac ela fala disso, com o argumento de que é para desafogar Congonhas e Viracopos. Isso é um negócio que movimenta R\$400 milhões por ano. Ainda bem que estou indo embora. Isso vai estourar qualquer hora dessas.

Como está vendo a tese de erro dos pilotos no acidente da TAM?

PEREIRA: Uma grande maldade e má-fé. A quem interessa culpar os pilotos? Como alguém ou uma empresa se livra de uma acusação de culpa? Empurrando a culpa para cima de outro. Estou vendo tudo isso com muita tristeza, mas chorar não adianta nada. Tem que esperar a conclusão das investigações. Sem uma interpretação pericial de todos os dados das caixas-pretas, a Airbus já emitiu um comunicado dizendo que a aeronave estava em perfeitas condições, mas, na minha concepção, há falhas e erros de projeto, que devem ser corrigidos rapidamente. Não digo que hoje estou com medo de voar em Airbus, mas tenho mais confiança nos aviões da Boeing.

O senhor passou um ano e quatro meses à frente da Infraero. O que foi mais difícil nessa crise toda?

PEREIRA: Vivi momentos terríveis nos dois acidentes. Também vi com horror a Infraero envolvida em centenas de processos no Tribunal de Contas da União. No ano passado, criamos uma empresa tão bonitinha, tão limpinha para cuidar do setor aéreo, e ela acabou ferida justamente na parte ética. Fico muito triste, mas também não adianta ficar triste por isso. Mesmo porque não foi só tristeza. O sucesso do Pan foi uma grande alegria. E agora o Parapan, embarcamos e desembarcamos sem problemas 300 atletas em cadeiras de rodas. Isso foi maravilhoso e reconfortante.

O senhor já está na reserva da Aeronáutica. O que vai fazer a partir desta segunda-feira?

PEREIRA: Ir para uma praia deserta é uma ótima idéia. Vou passar duas semanas pescando de jangada no Ceará. Não quero nem ver avião passando no céu.

Também a revista Veja, em sua edição de 8 de agosto de 2007, publicou: “Mordomia nas alturas”. Diz a reportagem:

“Diretores da Anac abusam de viagens de cortesia oferecidas pelas empresas que deveriam fiscalizar

Diego Escosteguy

Nos últimos dez meses, os brasileiros conheceram o inferno nos aeroportos. Filas, atrasos e cancelamentos de vôo viraram rotina. Tumultos, desrespeito e humilhação de passageiros transformaram uma simples viagem em aventura deletéria. Na semana passada, o presidente Lula disse que o governo não sabia da gravidade dos problemas do setor aéreo. Descobriu isso, ao que tudo indica, somente depois do acidente com o avião da TAM que matou 199 pessoas. Com algum esforço, pode-se entender por quê. A Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o órgão federal criado para fiscalizar o setor, não deve ter contado nada ao presidente. E nem poderia. Os diretores da Anac não enfrentam filas, não precisam fazer check-in, nunca têm o nome incluído em overbooking e o mais interessante: apesar do tratamento vip, eles também não desembolsam um único tostão para viajar. Isso mesmo: os diretores da Anac, que são pagos pelo contribuinte para fiscalizar as companhias aéreas, viajam de graça – e viajam muito. Levantamento feito pela agência entre julho de 2006 e fevereiro deste ano

revela que apenas o presidente da Anac e seus quatro diretores voaram nada menos que 288 vezes usando bilhetes de cortesia oferecidos pelas empresas que deveriam fiscalizar. A mordomia aérea, oficialmente, é toda usada para o cumprimento do dever profissional. Os diretores teriam cruzado os céus do Brasil, a fim de fiscalizar aeroportos e participar de reuniões de trabalho. Seria mesmo?

O campeão de viagens é o diretor baiano Leur Lomanto. Sozinho, ele requisitou 98 passagens às companhias para realizar "inspeções" nos aeroportos – registrando uma incrível média de três vôos por semana. O curioso é que a maioria das "inspeções" do diretor ocorreu no aeroporto de Salvador, para onde ele solicitou nada menos que 39 bilhetes. Diligente, Lomanto, ao que parece, não se importava nem com as dificuldades de calendário. Uma de suas "inspeções" em Salvador foi agendada para o dia 29 de dezembro, uma sexta-feira, às vésperas do feriado de Ano-Novo. Nesse período, os passageiros comuns enfrentavam um dos piores momentos do caos. Lomanto não. Ele não precisou enfrentar fila nem teve, ao que se sabe, problema algum para pegar seu cartão de embarque. Nem mesmo no retorno que ocorreu, é claro, depois de uma esticadinha nas comemorações. Afinal de contas, ninguém é de ferro.

O presidente da agência, o gaúcho Milton Zuanazzi, é outro que literalmente bota a mão na massa. Criticado por entender mais de turismo, sua especialidade, do que de aviação, ele requisitou às companhias aéreas 69 passagens para "inspeções e reuniões", quinze delas ocorridas em Porto Alegre. Indagado pelos parlamentares da CPI do caos aéreo, Zuanazzi justificou a parceria como uma necessidade, já que a Anac não tinha orçamento para comprar as passagens. Já o paulista Josef Barat – aquele diretor que foi dar uma palestra nos Estados Unidos à custa da TAM e que antes de assumir o cargo na Anac também comandava uma empresa que prestava serviços de consultoria às companhias aéreas – é realmente um viajante nato. Incluindo o passeio americano, ele voou 51 vezes nas asas da companhia, a maioria, 28 trechos, para São Paulo. Barat não vê nada de mais nessa relação amistosa entre fiscais e fiscalizados. Chegou a dizer que é assim que funciona em outros órgãos do governo, como o Ministério da Fazenda e o Banco Central. Os dois órgãos desmentiram o diretor.

A diretora paulista Denise Abreu, aquela que tem um irmão que presta serviços à TAM, é um caso que merece atenção. Ela requisitou 69 passagens no período de oito meses. Embora também não faça parte de suas atribuições profissionais, a maioria das viagens da diretora foi justificada como realização de "inspeções". Denise Abreu não recusa uma mordomia oferecida pela turma que ela deveria estar empenhada em fiscalizar. No ano passado, foi convidada pela Gol para participar de uma festa em Seattle, nos Estados Unidos, para comemorar a incorporação pela empresa de um novo modelo de avião. Era um vôo literalmente para poucos convidados. O Boeing da Gol decolou do Brasil com apenas cinco pessoas a bordo: Denise Abreu mais quatro diretores da Gol. A volta também foi bancada pela empresa. Jorge Luiz Velozo é o único dos diretores da Anac com perfil técnico. Porém, se observado apenas o critério dos seus colegas da Anac, ele é o que menos trabalhou. Usou os serviços gratuitos das empresas uma única vez. O ministro da Defesa, Nelson Jobim, aguardou durante toda a semana a renúncia voluntária dos diretores da Anac. Em pé."

O jornal A Cidade, de Ribeirão Preto, em sua edição de 7 de agosto de 2007, publicou notícia sob o título "Brigadeiro acusa diretora da Anac de fazer lobby". Diz a notícia:

"Em entrevista publicada ontem pelo jornal O Globo, o então presidente da Infraero, brigadeiro José Carlos Pereira, acusou Denise Abreu, diretora da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), de tentar favorecer o projeto de internacionalização do Aeroporto Leite Lopes, em Ribeirão Preto.

De acordo com as palavras do brigadeiro, Denise Abreu “quer tirar da Infraero o controle do setor de cargas de Congonhas e Viracopos para levar para o aeroporto de Ribeirão Preto, que pertence ao governo de São Paulo.” Os motivos que justificariam o suposto lobby de Denise junto à Anac, segundo ele, seriam ligações entre ela e a Tead Terminais Aduaneiros do Brasil, empresa vencedora da concorrência aberta pelo Governo Estadual para a construção, no Leite Lopes, de um terminal alfandegado de cargas. “O terminal de cargas nesse aeroporto já é dominado pelos amigos dela, pelo empresário Carlos Ernesto Campos [da Tead]. Toda reunião do conselho da Anac ela fala isso, com o argumento de que é para desafogar Congonhas e Viracopos. Isso é um negócio que movimenta R\$ 400 milhões por ano. Ainda bem que estou indo embora. Isso vai estourar qualquer hora dessas”, conclui José Carlos Pereira, exonerado ontem do cargo de presidente da Infraero.

Por meio de nota, tanto a Anac quanto a empresa Tead negaram as acusações do brigadeiro (leia nesta página). A reportagem tentou localizá-lo via assessoria da Infraero, mas nenhum retorno havia sido encaminhado à redação até o fechamento desta edição.

[...]

Em face de todo o exposto, e tendo em vista: (1) a gravidade das denúncias veiculadas na mídia e verbalizadas por diferentes sujeitos; (2) a importância do cargo público envolvido; (3) a íntima pertinência entre as possíveis irregularidades denunciadas e o objeto de investigação desta Comissão Parlamentar de Inquérito; (4) a imperiosa necessidade de investigar se, eventualmente, a Sra. Denise Abreu esteve ou está a praticar tráfico de influência ou advocacia administrativa, aproveitando-se do relevante cargo público que ocupa; (5) a notória utilidade para as investigações sobre tais fatos que seria proporcionada por levantamento que venha a ser feito das ligações telefônicas originadas e recebidas pela Sra. Denise Abreu; **REQUEREM seja transferido o sigilo telefônico – pessoal e funcional, fixo e móvel – da Sra. Denise Abreu, desde a sua posse no cargo de Diretora da ANAC até a presente data, especialmente para verificar eventual proximidade de relacionamento entre ela Carlos Ernesto Camargo.**

Sala da Comissão, 07 de agosto de 2007.

Deputado Vanderlei Macris

Deputado Gustavo Fruet